



Encontro das mulheres metalúrgicas, em 1979. Foto: João Bittar/Angular

Imagina se dez anos atrás a gente conseguia levar um homem pra ficar fazendo o serviço enquanto a gente ia num encontro de dia inteiro pra discutir os nossos problemas! Nem passava isso pelas nossas cabeças, né?

(Depoimento de uma participante do Movimento do Custo de Vida. Citado por Eder Sader. Quando novos personagens entraram em cena. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988)

A B A I X O A D I T A D U R A !

Unificando as lutas

Em 1977, os estudantes já haviam saído às ruas. Clamavam por liberdades democráticas e cantavam: “Vai acabar, vai acabar, a ditadura militar!”. Nessa época, moradores dos bairros organizavam-se em associações e entidades para exigir saneamento, asfalto, transporte, escolas. Donas de casa começaram a se reunir, passando a exigir creches, saúde para todos, o fim da carestia. Dessas discussões nasceu o Movimento do Custo de Vida, que, em agosto de 1978, realizaria uma grande manifestação na Praça da Sé, na cidade de São Paulo, sob olhares vigilantes da Polícia Militar.

Muitas mulheres também passaram a discutir a condição feminina, questionando os preconceitos machistas que pretendem confinar a mulher na cozinha. Negros organizaram seu movimento, não apenas para denunciar o preconceito racial de que são vítimas, mas principalmente para manifestar o orgulho por seus valores culturais. Homossexuais e outras minorias, também vítimas de discriminação, foram aos poucos acrescentando suas demandas à agenda das liberdades democráticas.

As Comunidades Eclesiais de Base (CeBs) aglutinaram várias dessas lutas, possibilitando a sua organização. Setores como os de professores universitários, médicos, advogados, jornalistas e funcionários públicos também começaram a se mobilizar, levantando bandeiras e formas de organização próprias, mas que desembocavam inevitavelmente na luta contra a ditadura. Formou-se o Comitê Brasileiro pela Anistia Ampla, Geral e Irrestrita que exigia, como a canção, “a volta do irmão do Henfil”, numa referência ao sociólogo Herbert de Souza, o Betinho. Resumindo todas essas lutas, a palavra de ordem, por tanto tempo sufocada, já podia ser pronunciada: Abaixo a ditadura! E foi tomando corpo a idéia da necessidade de unificar todos esses movimentos em uma organização mais ampla: um Partido dos Trabalhadores.



Encontro da União Nacional dos Estudantes (UNE), reconstruída em 1979. Foto: Ricardo Malta/N-Imagens



Assembléia de trabalhadores rurais de Santa Ernestina, em Dobrada (São Paulo), em maio de 1981. Foto: Maristela Mafei



Eu costurava muito pra fora e não tinha tempo pra nada. Quando ia à missa aos domingos, o padre tinha a mania de apontar o dedo e perguntar: “Você!, o que você faz durante a semana?”. Aquele “você” caía sempre em cima de mim e minha consciência doía muito. Um dia, soube de um grupo de mulheres que se reunia e decidi ir de qualquer jeito. Cheguei lá e as mulheres estavam tricotando e fazendo crochê e eu pensei: “Isto aí eu não quero. Eu já estou cheia de costurar!”. Depois veio a reflexão e eu achei interessante porque cada uma falava alguma coisa sobre o Evangelho. Era a primeira vez que eu discutia o Evangelho com pessoas comuns. [...] No final da reunião, a irmã pediu para alguém assumir a reunião da semana seguinte e eu me ofereci. Só que depois disso acabei assumindo de vez.

(Depoimento de uma participante do Clube de Mães. Citado por Eder Sader. Quando novos personagens entraram em cena. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988)

*Não podemos mais calar.
A discriminação racial é um
fato na sociedade brasileira,
que barra o desenvolvimento
do negro, destrói a sua alma
e a sua capacidade de
realização como ser humano.
Não podemos mais aceitar as
condições em que vive o homem
negro, sendo discriminado da
vida social do país, vivendo no
desemprego, no subemprego e
nas favelas. Não podemos mais
consentir que o negro sofra
perseguições constantes da
polícia sem dar uma resposta.*

(Texto extraído da convocatória para o ato público
contra o racismo, realizado em 18 de julho de 1978,
em São Paulo, quando foi fundado o Movimento
Negro Unificado Contra a Discriminação Racial)



Capoeira, durante manifestação do movimento negro em memória de Zumbi. Foto: acervo do Diretório Nacional do PT

No dia marcado para a inauguração [de um posto de saúde em Guarulhos, São Paulo], 150 mães com os seus filhos e os registros estavam em frente ao posto de saúde esperando o início das matrículas. Só que a casa alugada para ser o posto de saúde não tinha nada dentro, nem móveis e nem material. Ninguém da regional de saúde compareceu pelo menos para explicar àquelas mães o que estava acontecendo.

Fomos pra todo canto pegar assinaturas: na porta da igreja, nas casas, nas feiras, no supermercado [...]. Quando nós estávamos com 2.000 a 2.500 assinaturas, telefonamos [...] pro dr. Jackson [chefe do departamento sanitário de Guarulhos] e falamos: dr. Jackson, o senhor falhou. O senhor prometeu a inauguração pra tal data e o senhor não fez. O povo está revoltadíssimo aqui no bairro, nós já temos 2.500 assinaturas e vamos alugar um ônibus e vamos até a Secretaria da Saúde.

(Depoimento de uma participante da Comissão de Saúde. Citado por Eder Sader. *Quando novos personagens entraram em cena*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988)



Movimento por creche: uma afirmação dos direitos da mulher. Foto: acervo da revista *Teoria e Debate*



Os moradores dos bairros também se organizam por suas reivindicações específicas. Foto: acervo do Diretório Nacional do PT